

# EDUCAÇÃO PARA POPULAÇÃO NEGRA DA AMAZÔNIA EM TEMPOS DE COVID, PEQUENAS REFLEXÕES SOBRE AS DESIGUALDADES

Wladirson Ronny da Silva Cardoso<sup>1</sup>

Bruno Oliveira de Sousa e Sousa<sup>2</sup>

## Resumo

Esse artigo busca contribuir com os debates acerca das questões que envolvem a educação da população negra, além de realizar algumas reflexões sobre as relações de poder no campo da educação e as desigualdades existentes no sistema educacional brasileiro. A partir das leituras de Michel Foucault e dos seus estudos sobre o micropoder e o poder discursivo, nas relações sociais e nos espaços de controle dos corpos. Esse artigo realiza a partir de uma análise bibliográfica, baseadas em livros, trabalhos acadêmicos, jornais, buscando refletir sobre a ampliação da desigualdade na educação em tempos de Covid-19. A metodologia de pesquisa utilizada é a análise de conteúdo, de uma pesquisa qualitativa, que se baseia em estudos de pesquisas realizadas no Brasil, principalmente com foco na Amazônia.

## Palavras-chave

Amazônia – Educação – Poder – Covid-19.

Recebido em: 23/02/2021

Aprovado em: 18/05/2021

---

<sup>1</sup> Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Pará, líder do grupo de Estudos e Pesquisa em Filosofia Moderna e Contemporânea - COGITANS e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Básica. E-mail: wladirson.cardoso@gmail.com

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica e membro do grupo de Estudos e Pesquisa em Filosofia Moderna e Contemporânea - COGITANS. E-mail: brunoosm2000@hotmail.com

# EDUCATION FOR THE BLACK POPULATION OF THE AMAZON IN TIMES OF COVID, SMALL REFLECTIONS ON INEQUALITIES

## Abstract

191

This article seeks to contribute to the debates on issues involving the education of the black population, in addition to carrying out some reflections on power relations in the field of education and the inequalities existing in the Brazilian educational system. Based on Michel Foucault's readings and his studies on micropower and discursive power, in social relations and in the spaces of control of bodies. This article is based on a bibliographical analysis, based on books, academic papers, newspapers, seeking to reflect on the expansion of inequality in education in the time of Covid-19. The research methodology used is content analysis, a qualitative research, which is based on research studies carried out in Brazil, mainly with a focus on the Amazon.

## Keywords

Amazon - Education - Power - Covid-19.

## INTRODUÇÃO

Esse trabalho surge das reflexões, causadas por uma série de eventos que se ampliaram com a pandemia da Covid-19, que afetou o mundo a partir de 2020, o Brasil já vivia desde o processo de colonização uma pandemia do racismo estrutural e desigualdade social, que retirava a vida de dezenas de milhares de brasileiros negros. Com a pandemia da Covid-19, esse processo se intensificou, segundo dados da ONG Instituto Polis, divulgados pela Faculdade de Medicina da UFMG, negros morrem mais vítimas da Covid-19, que a população branca.

Na educação a Covid-19, provocou um verdadeiro caos social, com a suspensão de aulas no Brasil inteiro, por tempo indeterminado, além do processo desigual, que tem sido a aplicação do ensino a distância por algumas escolas públicas e privadas. Para alunos negros que vivem em regiões isoladas na Amazônia, esse processo representou a ampliação da falta de oportunidades, que já era praticamente inexistente, com isso se prevê um processo em massa de desistência de alunos da educação básica, principalmente negros e pobres, que são os principais grupos vítimas do abandono escolar.

Como observado por Michel Foucault, a educação para os pobres, sempre esteve atrelada a criação de uma mão de obra minimamente qualificada, para exercer os trabalhos nas fabricas, nunca teve uma relação com a formação de cidadãos conscientes, nesse sentido esse papel que a educação assumiu na formação de mão de obra e de corpos disciplinados ao mercado de trabalho, atrelado com o processo de exclusão da população negra dos espaços de formação universitária, se intensificam com a pandemia da Covid-19, já se espera uma diminuição de negros nas universidades, fato que pode ser perceptível pelos dados do ENEM 2020, que teve um índice recorde de ausentes, com mais de 50% (INEP 2020).

Quando no século XVII se desenvolveram as escolas de província ou as escolas cristãs elementares, as justificações dadas eram principalmente negativas: os pobres, não tendo recursos para educar os filhos, deixavam-nos “na ignorância de suas obrigações, e entregues ao simples cuidado de viver; e tendo eles mesmos sido mal educados, não podem comunicar uma boa educação que jamais tiveram”; [...] Mas, no começo da Revolução, a finalidade prescrita ao ensino primário será,

entre outras coisas, “fortificar”, “desenvolver o corpo”, dispor a criança “para qualquer trabalho mecânico no futuro”, dar-lhe “uma capacidade de visão rápida e global, uma mão firme, hábitos rápidos”. As disciplinas funcionam cada vez mais como técnicas que fabricam indivíduos úteis. (FOUCAULT, 1987)

Foucault quando fala sobre esse papel da educação, no tipo de formação que será aplicada nas escolas, que no geral seria uma formação buscando controlar e conduzir para uma ordem ou norma pré-estabelecida, nos faz refletir em como e para quem serviria esses corpos disciplinados, quem seriam os sujeitos beneficiados com a formação de corpos dóceis, pessoas que estariam prontas para obedecerem aos comandos, quem seriam os detentores do poder, quais as vantagens e privilégios obtidos com esse processo de formação que não busca a emancipação dos sujeitos, muito pelo contrário. No Brasil quando falamos da educação para a população negra e não negra, precisamos compreender um processo histórico de exclusão e submissão causado pelo extermínio ainda presente nessa população, que é a principal vítima das violências físicas e institucionalizadas pelo Estado Brasileiro. O Brasil durante a maior parte de sua história nem permitia o acesso da população negra a educação, esse cenário passou a ser modificado nos últimos anos, com políticas afirmativas de inclusão principalmente no ensino superior, no ensino básico o déficit não chega a ser menor, pelos números da evasão escolar, ou pela qualidade do ensino oferecidos nas escolas majoritariamente negras e nas escolas frequentadas pelas crianças brancas, mesmo dentro do ensino público, isso se reflete na disparidade no investimento, na formação dos professores, na estrutura física das instituições, nos processos seletivos que visam segregar e discriminar a maior parcela da população brasileira. Com a Covid-19, toda essa estrutura se mantém e ainda se agrava, tendo em vista as dificuldades da população negra de acesso aos meios tecnológicos de educação, que passaram a ser priorizados no ensino público e particular, quando olhamos as diferenças sociais e econômicas da maioria da população negra e a minoria branca no Brasil, nos deparamos com dois países totalmente diferentes.

Em 2014, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) produziu uma série histórica da

pesquisa sobre Acesso à Internet e à Televisão e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal (PNAD2014TI). A partir dela foi evidenciado que, da população com mais de 10 anos que havia acessado a internet nos últimos três meses antes da realização da pesquisa, 61,5% eram brancos, enquanto, entre os negros e negras, este percentual era de apenas 39,5%. E este abismo já foi muito pior: em 2003, um branco nas mesmas condições de um negro tinha 167% mais chances de acessar a internet, segundo o Mapa da Exclusão Digital (Fundação Getúlio Vargas). (MIELKE, 2017)

## **METODOLOGIA**

A metodologia é baseada em pesquisas bibliográficas e análise de dados, para isso foram necessárias consultas em livros, sites e revistas, que tratassem do assunto da educação no período da Pandemia da Covid-19 e que permitiram conhecer de maneira mais abrangente, como se está realizando os debates sobre a educação nesse momento que o mundo vive, mais especificamente as populações que vivem na Amazônia brasileira e suas relações com as desigualdades no campo da educação. Essa pesquisa parte de uma análise qualitativa, de textos acadêmicos e jornalísticos, que estão sendo publicados no Brasil, sobre as questões referentes a pandemia da Covid-19 e seus impactos na educação. A análise de dados, parte da estruturação de informações brutas, que serão coletadas e esquematizadas na tentativa de compreensão de um determinado assunto, no artigo presente, esse processo foi realizado através da leitura de livros, artigos e revistas, que possibilitaram as reflexões presentes nesse texto. A pesquisa qualitativa é uma metodologia exploratória, que não possui o objetivo de quantificar, mas de analisar de maneira subjetiva os resultados obtidos na pesquisa realizada a partir dos dados e informações coletadas.

A pesquisa qualitativa apresenta as seguintes características essenciais: tem o ambiente natural como fonte direta de dados; o pesquisador como instrumento fundamental de coleta de dados; utilização de procedimentos descritivos da realidade estudada; busca do significado das situações para as pessoas e os efeitos sobre as suas vidas; preocupação com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto, e privilégio

ao enfoque indutivo na análise dos dados. (TEIXEIRA, 2003).

A partir das leituras realizadas, e das análises dos dados obtidos nessa pesquisa foi possível, chegar as conclusões que serão debatidas nesse artigo, nesse sentido foram utilizadas as técnicas da Análise de Conteúdo, definida por Bardin, como:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens. (BARDIN, 1979).

195

A pesquisa a partir da análise de conteúdo, de documentos físicos e virtuais foram realizadas durante o período que a pandemia ainda estava em fase de propagação pelo mundo, com as aulas presenciais suspensas e escolas que ainda não conseguiam realizar nenhuma atividade, por motivos de falta de acesso a equipamentos que permitissem um ensino remoto, além de algumas localidades como Manaus, ainda vivendo um pico das mortes causadas pela Covid-19.

### **A COVID-19 NA EDUCAÇÃO PARA AS POPULAÇÕES DA AMAZÔNIA**

A falta de acesso à tecnologia que afeta o Brasil e principalmente a região amazônica, onde muitas localidades sequer possuem cobertura de internet, com a implementação do ensino remotos emergencial, essas desigualdades regionais ficam mais evidentes. A população que vive na região amazônica, composta principalmente de pessoas negras, indígenas, ribeirinhos, quilombolas, trabalhadores rurais, populações que vivem nas periferias de grandes cidades como Belém e Manaus, estão sendo as principais afetadas pela falta de acesso à educação, por não possuir condições materiais de seguir com seus estudos em um dos piores períodos enfrentados pela população brasileira.

A realidade, porém, aponta para um cenário de discriminações e de aprofundamento das desigualdades sociais, educacionais e regionais, como resultado das políticas emergenciais adotadas na educação. Segundo



Andressa, esse contexto inclui a tentativa de grupos privados de implantar uma política de educação a distância automatizada, gerando mais exclusão, além da precarização do trabalho dos profissionais do setor. (STEVANIM, 2020)

É inegável as dificuldades enfrentadas principalmente pela população mais carente, onde se identifica uma série de mazelas históricas, em um processo de exclusão, que não será suprido tão facilmente, mesmo diante das políticas públicas emergenciais, são tantos problemas que ficam impossíveis de serem solucionados a curto prazo, com as medidas paliativas, só podemos perceber a ampliação de mais desigualdade e exclusão dos mais pobres, que ficarão sem oportunidades. Principalmente quando falamos da população que vive na região da Amazônia, que sofre com uma série de dificuldades de grandes distancias, situações geográficas e climáticas, pobreza extrema, falta de acesso a redes de internet e equipamentos que possibilitem uma implementação real de ensino virtual, como já experimentado em outras localidades do Brasil.

Segundo uma pesquisa feita pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), em 2018, 58% dos domicílios no Brasil não têm computadores e 33% não possuem internet. “A desigualdade é muito forte. Desigualdade de recursos, de condição para estudar, de tempo, dedicação. Tudo isso, é claro, afeta a educação”, afirma Salles. (OLIVEIRA, 2020)

No Estado do Pará o governo estadual disponibilizou formação para professores de forma virtual, o governo também se mostrou contrário ao ensino presencial durante a pandemia, criando o movimento Todos em Casa Pela Educação, que disponibilizou aulas virtuais, através da TV Cultura, além de garantir um vale alimentação para os alunos da rede estadual de ensino, essas medidas visam diminuir os impactos da pandemia na educação, mas não se pode ignorar, que professores e alunos, não possuem acesso em muitas regiões do Estado do Pará à internet de qualidade e equipamentos, sem falar na falta de preparo dos professores para ministrarem aulas remotas. Isso pode ser perceptível pelos dados de pesquisas já realizadas sobre o acesso à internet da população brasileira, que enfrenta grandes distorções sociais, regionais e econômicas, a maioria da população não possui disponibilidade de uma internet de qualidade,

ou se quer equipamentos, além das regiões que ainda não possuem cobertura de internet de qualidade.

Segundo a pesquisa TIC Domicílios 2018, 85% dos usuários de internet das classes D e acessam a rede exclusivamente pelo celular, e somente 13% se conectam tanto pelo aparelho móvel quanto pelo computador. Na classe A, a tendência se inverte. As desigualdades se ampliam devido à qualidade da conexão e aos limites das franquias de dados. Segundo estudo da Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações), 55% dos acessos móveis do país são pré-pagos. E sabe-se que boa parte dos usuários pós-pago são clientes “controle”, que pagam uma taxa fixa mensal, mas têm um limite, em geral, bastante estrito de tráfego de dados. (BANDEIRA; PASTI, 2020)

## COMO ENFRENTAR AS MUDANÇAS EM UM CENÁRIO DE DESIGUALDADES?

Diante de tudo isso, ainda precisamos ressaltar que os professores não se sentem preparados para ministrarem aula remotas, além de uma série de violações que esses são expostos na internet, como abusos de seus direitos de imagem, reprodução ilegal de material de sua propriedade intelectual, muitos professores, principalmente os mais antigos, se quer possuem habilidades com as novas tecnologias, ou receberam capacitação para a realização dessas atividades virtuais, cumulado com todos esses problemas, ainda pode se perceber os desgaste psicológicos e emocionais que todos estamos sofrendo com esse período, provocado por um isolamento social forçado, doenças crônicas que podem se agravar com a situação que estamos expostos, mortes de pessoas próximas, medo de ser acometido de alguma doença nesse período, estamos diante de um momento jamais imaginado para o século XXI, talvez um dos mais difíceis pelo qual a população mundial já enfrentou. Não estávamos preparados para algo tão devastador, que separou famílias, levou nossos entes queridos, proibiu os contatos físicos, estimulou novos hábitos, provocou mudanças que jamais poderíamos pensar e somos obrigados a refletir como enfrentar essa situação, sem que ninguém seja excluído e que as desigualdades já existentes, não se agravem.

O resultado, porém, tem sido prejudicial, na sua avaliação, para a saúde física e mental dos estudantes, de suas



famílias e dos educadores, que tiveram que se adaptar a uma atividade para a qual não foram capacitados. Ainda há o risco de exposição e de perseguição para os docentes, principalmente para aqueles que se posicionam criticamente em relação às desigualdades sociais, de gênero e raciais. “O ensino remoto emergencial ainda traz um prejuízo à autonomia do trabalho de professoras e professores que, expostos nas redes sociais, perdem o controle sobre a autoria do seu trabalho, estando sob o risco da sua fala ser reproduzida de maneira descontextualizada”, considera. (STEVANIM, 2020)

Nesse sentido, com tantas desigualdades expostas, como intervir de maneira que não exclua, mas pelo contrário, possamos incluir cada vez mais alunos, em formas pedagógicas cada vez mais democráticas, para isso seria necessário, que as políticas públicas, fossem implantadas de maneira que se possa ouvir, pais, alunos, professores, coordenadores pedagógicos, para sabermos o que está dando certo e o que não está dando, além de desenvolver novas metodologias, que sejam pensadas para esse novo mundo que estamos vivendo após a pandemia da Covid-19, pensando a partir das realidades locais, maneiras que incluam ribeirinhos no baixo Amazonas, indígenas do sudeste do Pará, filhos de agricultores do interior do Amazonas, diante de todos esses problemas enfrentados, de falta de acesso à internet, extrema pobreza, racismo e desigualdades regionais.

Se a minha não é uma presença neutra na história, devo assumir tão criticamente quanto possível sua politicidade. Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas para participar de práticas com ela coerentes. (FREIRE, 2000)

Como na referência a Freire no trecho a cima, não somos agentes neutros, somos agentes transformadores, que modificam a realidade, transformam o mundo, mesmo nos cenários mais desoladores, como o que vivemos atualmente, fazer educação e principalmente educação inclusiva, nunca foi tão difícil, vivemos no Brasil uma crise econômica sem precedentes na história, com milhões de desempregados, em meio a uma pandemia mundial, que vem dia, após dia, retirando milhares de vidas, tudo isso no cenário político mais incerto

e talvez mais desastroso já ocorrido no país, as vítimas de todo esse caos e os principais alvos, são a população negra e pobre, que tem suas vidas ceifadas, pela segregação social, desigualdade de oportunidades, violência institucional e uma série de outras violações. Quando falamos do papel que a educação tem na formação desse país, ou de qualquer outro, precisamos entender que não é possível que 56% da população (População negra no Brasil segundo dados de 2018 do IBGE) fique de fora desse espaço na sociedade brasileira.

O professor Florestan Fernandes e o professor Otavio Ianni, escreveram ambos que os Brasileiros, de um modo geral, não têm vergonha de ser racista, mas têm vergonha de se dizer que são racistas. E acho que isso é algo permanente das relações inter-étnicas no Brasil e que traz uma dificuldade de aproximação da questão e da análise, inclusive dos próprios negros, que podem se deixar possuir por uma forma de reação puramente emocional diante da questão, dentro do problema, quando é necessário buscar, analisar, a condição do negro dentro da formação social brasileira. Porque a política não se faz no mundo, não é no mundo que dita as regras da política que se faz em cada país. E não é o outro continente. Não é o olhar para a África que vai ajudar na produção de uma política brasileira para o negro, nem um olhar para os Estados Unidos que vai também permitir essa produção de uma política. É o estudo do negro dentro da sociedade brasileira. É evidente que esse estudo passa pela categoria que se chama “formação socioeconômica”, a qual eu modifiquei propondo a categoria de “formação socioespacial”, porque eu creio que o território tem um papel muito grande na compreensão do que é uma nação. (SANTOS, 2016)

Nesse sentido, acho relevante destacar, a importância de soluções locais, para os nossos problemas locais, esse artigo se propõe a pensar e repensar, a situação dos negros no Brasil, principalmente na formação educacional, sendo esse um direito previsto em toda legislação nacional e internacional, diversos indicadores e pesquisas apontadas nesse artigo, demonstram de maneira evidente, que a população negra é a mais afetada por todo esse processo de exclusão que o país insiste em fomentar, sendo um agente ativo nesse processo de segregação, através de políticas de extermínio, ou da falta de políticas públicas que atendam a população negra. Como lidar com essa crise que o

mundo vive, sem que a maior parte da população brasileira seja abandonada? Essa sem dúvida é uma questão que teremos de solucionar nos próximos anos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Covid-19 provocou uma série de perdas inestimáveis, principalmente de vidas humanas, vidas essas que jamais poderão ser substituídas, vidas negras que precisamos a todo momento dizer que importam, para além das mortes físicas, precisamos também alertar para as mortes simbólicas, as mortes intelectuais, as mortes epistêmicas, os autores negros que não irão se formar nas universidades, por falta de oportunidades, as mentes de intelectuais negros, que não chegarão a ter acesso à educação, pelo processo de segregação que se intensificou durante a pandemia da Covid-19. Esse artigo se propôs a causar a reflexão sobre como estamos lidando com o acesso da educação e de oportunidades para que a maioria da população possa desfrutar de direitos, que estão previstos na nossa legislação, mas que necessitam de políticas públicas para serem implementados, nesse sentido as provocações e questionamentos expostos, visam estimular o pensamento reflexivo, sobre como estamos lidando com os problemas que estão surgindo no nosso país. Pensar a educação de forma que inclua e realize as transformações tão necessárias para nossa sociedade. Para começarmos, seria importante que a população negra seja chamada para esse debate, mas que principalmente de maneira urgente, o Estado Brasileiro comece a criar políticas públicas que sejam pensadas a partir dessas questões.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Olívia; PASTI, André. *Como o ensino a distância pode agravar as desigualdades agora*. Jornal NEXO, 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/debate/2020/Como-o-ensino-a-dist%C3%A2ncia-pode-agravar-as-desigualdades-agora>, Acesso em 07 de fevereiro de 2021.

BARBOSA, Bernardo. *Número de brasileiros que se declaram pretos cresce no país, diz IBGE*. Folha UOL, 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/05/22/ibge-em-todas-as-regioes-mais-brasileiros-se-declaram-pretos.htm>, Acesso em 07 de fevereiro de 2021.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis, Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Sampaio. 3º edição. São Paulo, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MIELKE, Ana Claudia. *Negros estão mais empoderados na internet, mas acesso ainda é desigual*. Carta Capital. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/negros-estao-mais-empoderados-na-internet-mas-acesso-ainda-e-desigual/>, Acesso em 07 de fevereiro de 2021.

OLIVEIRA, Caroline. *Com aulas remotas, pandemia escancara desigualdade no acesso à educação de qualidade*. Brasil de Fato. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/04/com-aulas-remotas-pandemia->

escancara-desigualdade-no-acesso-a-educacao-de-qualidade, Acesso em 07 de fevereiro de 2021.

PECHIM, Lethicia. *Pretos e pardos também têm mais chance de serem infectados e correm maior risco de hospitalização*. UFMG. 2020. Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/negros-morrem-mais-pela-covid-19/>, Acesso em 07 de fevereiro de 2021.

SANTOS, Milton. *Como é ser negro no Brasil, por Milton Santos*. Geledes. 2016. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/como-e-ser-negro-no-brasil-por-milton-santos/?gclid=CjoKCQiA7NKBBhDBARIsAHbXCB5zku9R4s8LumBs9zknqVx6YOgjuXpqQMuaysiwZ7eMnAXaf7WdjocaAnVVEALw\\_wcB](https://www.geledes.org.br/como-e-ser-negro-no-brasil-por-milton-santos/?gclid=CjoKCQiA7NKBBhDBARIsAHbXCB5zku9R4s8LumBs9zknqVx6YOgjuXpqQMuaysiwZ7eMnAXaf7WdjocaAnVVEALw_wcB), Acesso em 07 de fevereiro de 2021.

STEVANIM, Luiz Felipe. *Exclusão nada remota: Desigualdades sociais e digitais dificultam a garantia do direito à educação na pandemia*. FIOCRUZ. 2020. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/reportagem/exclusao-nada-remota>, acesso em 07 de fevereiro de 2021.

TEIXEIRA, Enise Barth. *A Análise de Dados na Pesquisa Científica importância e desafios em estudos organizacionais*. Editora Unijuí, ano 1, n. 2, jul./dez. 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a educação*. 2<sup>o</sup> edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.